



Uma academia engajada: entrevista com Eva Alcántara Zavala e sua aliança com o movimento intersexo mexicano

Em março de 2021, a pesquisadora mexicana e aliada do movimento intersex Eva Alcántara Zavala nos concedeu uma entrevista em que recorda sua atuação profissional em favor dos direitos de pessoas intersexo no México, avalia o contexto de saúde e cuidados para essa população no país e analisa as articulações dos ativismos locais e globais. A entrevista, transcrição, tradução e edição foram realizadas por Amiel Vieira, Anacely Costa, Barbara Pires e Marina Cortez, organizador/as do dossiê.

Amiel, Anacely, Barbara e Marina: *Eva, por favor, conte-nos um pouco sobre sua trajetória profissional e acadêmica, principalmente seu envolvimento com a temática da intersexualidade.*

Eva Alcántara Zavala: É importante dizer que me vi cada vez mais envolvida no tema da intersexualidade com o passar dos anos. No começo, para falar sobre quando entrei em contato com o assunto, eu estava fazendo estágio. Na etapa final do meu bacharelado como psicóloga, entrei no Instituto Nacional de Pediatria (INP), um instituto no México do terceiro nível de atenção que atende pacientes de diferentes partes do país e concentra os casos mais complicados. Foi quando, com uma surpresa muito grande, me deparei com a intersexualidade: como parte do meu aprendizado, eu acompanhava a equipe médica e a psicóloga que estava me treinando me informou que o caso seguinte era um caso de *intersex*¹ e que deveríamos investigar se a pessoa era menino ou menina. Fiquei muito surpresa porque no prontuário vi o nome de um menino, que tinha 6 anos, e não conseguia duvidar que era um menino. Na sala de espera, no momento da sessão com a psicóloga, vi quando ela lhe apresentou duas caixas de brinquedos, alguns que considerou femininos e outros que considerou masculinos. Fiquei realmente muito surpresa ao ver que essa era a estratégia para avaliar se ele era um menino ou uma menina. Também fiquei surpresa ao descobrir que tínhamos que indicar qual era o “sexo psicológico” do menino em um formulário preenchido em conjunto com a equipe médica, responsável por indicar o “sexo

1 Nota dos editores: Como a entrevistada adota o termo em língua inglesa “*intersex*”, nesta entrevista e em suas publicações, seguindo a nomenclatura usual do ativismo intersexo mexicano, optamos por manter o vocábulo em inglês ao longo do texto.



genético” e o “sexo gonadal”. Para mim, isso foi surpreendente, assim como a visita à enfermaria infantil pós-operatória. Entre as crianças internadas, conheci algumas com cirurgia genital, algumas com hipospádia, outras com clitoridectomia, uma menina que tinha sido submetida a uma vaginoplastia. Fiquei muito surpresa ao ver esses procedimentos também por conta do nível de perplexidade dos pequenos. O que ainda impacta muito o meu trabalho são os dias no hospital vendo essas crianças hospitalizadas e vivenciando coisas muito difíceis.

Em meados dos anos 1990, eu não tinha muitas ferramentas teóricas ou metodológicas e tampouco respaldo de algum professor que entendesse bem do assunto. Também não conhecia as leituras que fiz depois, como a produção de Suzanne Kessler, que à época já estava escrevendo, mas eu não sabia. Então, foi tudo muito surpreendente para mim. Pude ler artigos sobre intersexualidade a partir de uma perspectiva médica e artigos que falavam sobre como funcionava uma clínica de cuidado da intersexualidade na biblioteca do INP. Guardei essa memória e me dediquei a fazer outras coisas. Participei de treinamentos diversos e outras formações, como um curso de verão no Colégio de México sobre estudos de gênero, até que finalmente fiz um mestrado em Estudos da Mulher na Universidad Autónoma Metropolitana, onde agora trabalho. Lá, li teoria feminista, estudos de gênero e estudos de sexualidade. Uma das perguntas que me moveram ao longo do mestrado foi a diferença entre sexo e gênero. Me lembro de ter feito essa pergunta a todas as minhas professoras, como um experimento, mas na realidade nunca fiquei satisfeita com as respostas. Naquela época, estávamos lendo principalmente uma bibliografia anglo-saxônica. Realmente lemos pouco sobre o que hoje é a teoria pós-colonial ou teoria decolonial. A coisa mais próxima a isso que li e que para mim foi chocante, de fato desconstruí muito com esse autor, foi a *História da sexualidade*, de Michel Foucault. Compreender, através dessa obra, o sexo como um dispositivo foi realmente uma luz para mim. Encontrei em Michel Foucault um parceiro para discutir, mesmo que apenas textualmente. Me lembro de autores como Monique Wittig, com o “pensamento heterossexual”, que também foi fundamental para mim; Teresa de Lauretis, que deu muito trabalho para entender, mas que também foi outra autora fundamental. E, claro, Judith Butler, também uma grande autora. Foi quando soube da existência do livro *Lessons from the intersexed*², de Suzanne Kessler, mas não consegui encontrá-lo. No México, àquela época, era difícil ter acesso a publicações estrangeiras. Lembro que mal consegui alguns artigos nas bases de dados para baixar.

Concluí o mestrado e imediatamente ingressei no doutorado em Ciências Sociais, quando senti que já tinha ferramentas para voltar àquelas perguntas que me fizera em meados dos anos 1990:

2 Nota dos editores: KESSLER, S.J. *Lessons from the intersexed*. New Jersey: Rutgers University Press, 1998.



o que é uma mulher? Quem decide o que é uma mulher? Como nos construímos como mulheres? Ao longo do mestrado, eu também estava com uma grande pergunta pessoal e desafiava minha própria construção como sujeito sexuado. Acho que a partir daí comecei a construir um projeto no qual a intersexualidade também fosse uma companheira para esse questionamento. Quero dizer, acredito que desde o início coloquei a intersexualidade em uma posição de crítica paralela aos questionamentos que fazia a mim mesma. Bem, há algo que não disse, porque tem a ver com questões pessoais, mas eu caí em uma família na qual se esperava que eu fosse um menino. No final das contas, nasci menina, então havia certas circunstâncias que passei a questionar: ao longo da minha formação e da minha educação quando criança, por exemplo, tenho fotos em que estou vestida com calças e, ao mesmo tempo, um vestido, com o cabelo curto que eu sempre gostei de ter. Tenho lembranças de minha mãe me proibindo, até com violência, de usar batom ou coisas assim. Essas perguntas eram experiências muito corporificadas, porque têm a ver com a expressão dos comportamentos de gênero. São perguntas que eu tinha muito presentes.

De alguma forma, essas questões se vincularam e, quando iniciei o doutorado, resolvi voltar ao hospital onde havia feito meu estágio profissional. A entrada no hospital foi um caminho muito longo. Conversei com três equipes médicas que às vezes atuavam como uma clínica de intersexualidade em três dos hospitais vinculados aos institutos de atenção terciária mais importantes da Cidade do México. Aí percebi as diferenças entre as equipes que, na realidade, não eram muitas, mas encontrei em uma delas uma porta de entrada: a incerteza que alguns membros da equipe tinham, como o urologista, o geneticista e o endocrinologista, os três prestes a se aposentar. Quero dizer que eles já estavam em processo de saída da vida profissional e lhes parecia importante, antes de sua aposentadoria, saber o que havia acontecido com as pessoas atendidas, quando eram meninos e meninas. Isso fazia parte do meu projeto de doutorado, tentar encontrar aquelas crianças que foram atendidas nos anos 1980 e 1990 para descobrir como estavam em 2005 ou 2006, onde estavam e o que faziam. Isso permitiu que eu entrasse na equipe. Pois bem, esse foi o meu ponto de partida para a tese de doutorado: conhecer a experiência de ex pacientes pediátricos, agora adultos, das clínicas de intersexualidade.

Metodologicamente foi muito complicado porque comecei a encontrar outros obstáculos de natureza ética. Como chegar a uma pessoa que não me deu suas informações para perguntar sobre experiências que viveu quando criança? Quem me autorizou a fazer isso? Assim, a intersexualidade começou a me oferecer uma espécie de espelho, com o qual aprendi a olhar minhas próprias perguntas e avaliar as motivações que me moviam. Nessa equipe, vinculada a um dos hospitais, fiz um ano de prática dentro da clínica de intersexualidade e atendi outros



pacientes, não só da clínica, mas da endocrinologia. Em todas as sessões podia ler seus históricos médicos, recebia pacientes pediátricos, além de seus familiares na consulta. Em alguns desses momentos, encontrei parentes que acompanhavam pacientes e me contavam que tinham outro filho ou filha com as mesmas condições da criança que atendia na época. Nessas ocasiões, eu pedia permissão para falar com ele ou ela por telefone, para saber se estava interessado em falar comigo. Foi esse caminho que encontrei para me comunicar com os adultos.

Consegui entrar em contato com três pessoas e fui visitá-las em seus lugares de origem. O México é um país muito grande, com níveis de desigualdade muito notáveis. Esse foi outro aspecto que me fez voltar a mim mesma enquanto pesquisadora: o espelho da intersexualidade que mencionei anteriormente. De repente, entendi que minha relação com as pessoas que queria entrevistar era bastante desigual. Em um dos casos, encontrei uma menina que ficou muito intimidada. Para mim foi um choque e isso me levou a questionar o que era a pesquisa qualitativa. De que adiantava intimidar uma pessoa daquela maneira para conseguir uma entrevista sobre coisas tão dolorosas? Então decidi abandonar a metodologia que havia construído. Naquele momento, comecei a organizar uma nova abordagem para encontrar as pessoas. Parei de vê-los como sujeitos de pesquisa e comecei a estabelecer relações de intercâmbio. Por exemplo, essa garota que mencionei estava com medo das minhas perguntas; fui à casa dela e ela realmente não me respondeu. Quer dizer, me respondeu de maneira monossilábica. Perguntei por que ela havia aceitado conceder a entrevista, se estava curiosa, qual era sua questão. Ela me disse: “Tenho dúvidas sobre como é meu corpo e se posso ser mãe” e me pediu que lhe contasse como era seu corpo por dentro e se ela tinha essa capacidade. Eu lhe disse que não sabia dizer se ela teria essa capacidade, porque não sabia como era seu corpo por dentro, mas que poderia apresentá-la a uma pessoa que trabalhava em um hospital de adultos e que seria capaz de responder suas perguntas. Aí ela me disse: “ah, muito bem, então daqui a 15 dias vou para a cidade e quero te perguntar se agora você pode me receber em sua casa”. Eu nunca antes havia estabelecido esse tipo de relação em uma pesquisa. Então eu disse: “está bem, você pode vir para minha casa”. Eu a acompanhei ao médico e aí começamos a gerar uma relação muito mais igualitária, pois enquanto ela estava na minha casa, começou a me fazer perguntas sobre a minha vida e, conforme eu as respondia, ela espontaneamente começou a falar comigo sobre sua própria vida. Então entendi que esse era o caminho certo. É a isso que me refiro quando digo que decidi abandonar aquele lugar de pesquisadora e estabelecer relações recíprocas. Anos depois, venho refletindo sobre do que se trata uma construção metodológica. Estou tentando construir o



caminho que ela e outras pessoas *intersex* me ensinaram. Foi a partir dessa relação que comecei a estabelecer um diálogo com as pessoas *intersex*.

Outra pessoa que entrevistei para minha tese de doutorado é um homem que veio de uma comunidade indígena *Tzotzil*, no estado de Chiapas, ao sul do México. Ele também me ensinou outra maneira de pensar sobre a linguagem: me dizia o que significava viver com uma corporalidade como a sua em uma comunidade indígena e quais eram as palavras usadas para se referir a homens e mulheres e como a intersexualidade não era necessariamente como eu pensava, uma coisa uniforme, sem cultura e sem história. Foi muito interessante. Sempre foi interessante ser interpelada dessa maneira.

Finalmente, quando terminei minha tese de doutorado, a porta da clínica permaneceu aberta para mim. Como disse, sou psicóloga de formação e estudei psicanálise, Freud e Lacan. Por outro lado, no doutorado, entrei nos estudos *queer*. Já tinha lido Teresa de Lauretis no mestrado e por aí segui: abri a porta dessa orientação bibliográfica com as obras de Beatriz Preciado e continuo lendo Paul Preciado. Assim, a teoria *queer* somada à psicanálise também se tornou um pilar. O feminismo, a teoria *queer* e a psicanálise têm sido lugares fundamentais para me ajudar a pensar e construir. Quando terminei minha tese, ainda tinha um campo de trabalho aberto com jovens e mães de pacientes *intersex* que conheci no hospital. Quando entrei na questão da intersexualidade, não havia pensado que fosse fazer um compromisso de vida, mas assim tem sido, um compromisso de vida, porque essa porta da clínica, onde desafio a psicanálise com a teoria *queer* e o feminismo, manteve-se aberta todos esses anos, uma vez que as pessoas continuam chegando.

Os hospitais em que trabalhei são públicos e atendem, ainda que não exclusivamente, populações de baixa renda. Essa prática profissional também me ajudou a desafiar a psicanálise classista, que de alguma forma exige um certo nível econômico das pessoas para que possam receber atendimento terapêutico. Mais uma vez, a intersexualidade me permitia refletir sobre essas práticas a partir da análise que estava tentando fazer. Hoje também procuro desenvolver um pouco dessa atividade. Trabalhei em estreita colaboração com o psicanalista mexicano Benjamin Mayer, que fundou um instituto que chama de pós-universidade, o 17, Instituto de Estudos Críticos³, e trabalha muito com teoria crítica. Com ele, tenho desenvolvido essa desconstrução de uma prática clínica hegemônica, algo que ele mesmo busca elaborar e que nos possibilita

3 <https://17edu.org/>.



conversar sobre muitas das situações clínicas que enfrento. Agora reconheço esse trabalho clínico como uma clínica de vínculo social, para receber mães, jovens e crianças *intersex*.

Em 2012, antes de terminar o doutorado, recebi um telefonema de uma pessoa do norte do México, próximo à fronteira com os Estados Unidos. Essa pessoa me contou que havia lido alguns artigos meus e achou o que eu estava dizendo coisas muito interessantes. Me perguntou se eu era uma pessoa *intersex* e, diante de minha resposta negativa, me pediu que lhe passasse o contato de outra pessoa *intersex* porque ela queria conhecer alguém parecido e foi o que fiz. Ela também viajou à Cidade do México e visitou-me em casa para contar sua história. Desde então, temos mantido um diálogo aberto e uma relação de amizade: ela conhece minha família e eu conheço seu pai. Foi assim que comecei a receber telefonemas e a partir daí não parou mais. De repente, recebia chamadas de pessoas *intersex*, membros da família com perguntas diferentes ou parceiros de pessoas *intersex*.

Isso me levou a encontrar, em 2013, o projeto *Brújula Intersexual*⁴ no México, fundado por Laura Inter. Pouco antes, participei de uma consultoria em um hospital pediátrico público, respondendo a um apelo da Comissão de Direitos Humanos da Cidade do México (CDHCM) sobre um caso de intersexualidade. Montei uma equipe e o resultado dessa consulta foi uma nota⁵ publicada que a Laura Inter leu, comunicou-se comigo e entramos em diálogo. Fui visitá-la no estado onde mora, a cinco horas da Cidade do México. A partir daí, mantivemos um diálogo constante. Atuo como conselheira em alguns trabalhos seus e vice-versa. Nesse momento, comecei a desenvolver outra linha de trabalho, mais ligada ao ativismo aliado à comunidade *intersex* mexicana.

Antes disso, em 2005, passei uma temporada na San Francisco State University, nos Estados Unidos, após ganhar uma bolsa em The International Association for the Study of Sexuality, Culture and Society, um concurso de metodologia de pesquisa em sexualidade. Foi então que conheci, por exemplo, Cheryl Chase [Bo Laurent], que fundou a Intersex Society of North America (ISNA)⁶, que foi dar uma palestra naquele curso. Por volta de 2009, conheci Mauro Cabral e Paula Sandrine Machado em um congresso na cidade de Lima, no Peru, onde estivemos em uma mesa sobre intersexualidade. Naquela ocasião, foi a primeira vez que senti que tinha com quem conversar sobre as questões da pesquisa sobre intersexualidade. Como eu tinha essa relação com um ativismo mais global, quando conheci a Laura Inter, comecei a apresentá-la a

4 <https://brujulaintersexual.org/>.

5 <https://cdhcm.org.mx/2014/08/intersexualidad-y-derechos-humanos-un-debate-necesario/>.

6 <https://isna.org/>.



algumas pessoas que também tinham essa presença no ativismo global, além, é claro, dos vínculos que ela fez de forma independente.

A., A., B., M.: *Você poderia fazer um panorama sobre a situação dos direitos humanos da população intersexo no México a partir da virada do século XXI? Ou seja, como estão as questões relacionadas ao cuidado hospitalar, a mobilização ativista (por exemplo, com Brújula Intersexual e Vivir y Ser Intersex) e as garantias de direitos pelo Estado? Nesse sentido, quais os principais avanços e/ou retrocessos percebidos por você ao longo das últimas décadas no que diz respeito à proteção dos direitos humanos das pessoas intersexo no México?*

E.A.Z.: Guadalupe Chávez, a pessoa que me contatou pelo celular em 2012 e me perguntou se eu conhecia alguém *intersex*, foi a primeira pessoa a dar uma entrevista sobre a questão *intersex* no México. Ou seja, em 2012 foi a primeira vez que alguém falou publicamente no México sobre os procedimentos cirúrgicos que recebeu no Hospital Pediátrico a partir do “diagnóstico”, ou da condição de intersexualidade. Em 2013, houve a consultoria à qual me referi acima, que me pareceu muito importante, já que era uma instituição pública de saúde solicitando uma intervenção da CDHCM. Em resposta a isso, conheci Laura Inter, que já havia iniciado seu projeto *Brújula Intersexual* em 2013; de lá para cá, seguimos avançando.

Em 2014, foi realizado o primeiro fórum *intersex* da CDHCM, ao qual chamamos de *Intervisibilidade: visibilidade intersex*⁷. Coincidentemente, no mesmo período, Mauro Cabral viajou à Cidade do México para participar de XXVII ILGA World Conference e então o convidamos para falar nesse fórum. Houve também a apresentação do trabalho de uma artista plástica alemã, Brigitte Richter, que produziu algumas obras de arte comissionadas pela CDHCM e expostas no saguão do edifício que sediou o fórum, onde também realizou uma performance com uma orquídea. Foi um fórum muito, muito bom. Estiveram presentes Laura Inter e Guadalupe Chávez e, como não se sentiram confortáveis para sentar-se à mesa, colocamos ali duas cadeiras vazias, mas com a identificação de seus nomes em cada uma delas. Um texto escrito por Laura Inter pôde ser ouvido na sala, lido pela atriz Marina de Távira, posteriormente indicada ao Oscar pelo filme *Roma*. Guadalupe Chávez leu seu próprio texto, mas a cadeira estava vazia. Foi um ato de performance, para dizer que a visibilidade não significa exibir as pessoas. No México, há altos índices de violência contra pessoas LGBTI+ e, embora as pessoas *intersex* não necessariamente reconheçam a si mesmas como LGBT, por vezes têm de lidar com a mesma violência que as populações LGBT enfrentam, quando são

7 <http://cdhdfbeta.cdhdf.org.mx/wp-content/uploads/2014/10/programa-foro-intersexualidad.pdf>.



identificadas como lésbicas, por exemplo. Então, a maioria das pessoas *intersex* não quer expor-se publicamente. Cientes dessa situação, o que nos interessa colocar em destaque são as obras, enunciações e vozes das pessoas *intersex* mexicanas. Estamos muito interessadas em promover a intersexualidade dessa maneira. Em 2018, aconteceu um segundo fórum Intersex⁸, que foi organizado por Laura Inter, de *Brújula Intersexual*, Hana Aoi, de *Vivir y Ser Intersex* e *Proyecto Intersexual*, de *Adiós al Futuro*, o fórum foi realizado na Comissão de Direitos Humanos do Distrito Federal (CDHDF). Do meu ponto de vista, as diferenças de organização entre o primeiro e o segundo fóruns *intersex* no México refletem o surgimento de um grupo de pessoas *intersex* que, com enorme capacidade e habilidade, promoveram fortemente a agenda de direitos humanos *intersex* nas instituições do Estado.

De 2014 para cá, acredito que acima de tudo apoiada no trabalho de Laura Inter e *Brújula Intersexual*, tem havido uma crescente mobilização ativista no México e além. O impacto desse projeto na América Latina e em outros países de língua espanhola é realmente impressionante, não havia nenhum projeto em espanhol anteriormente. Houve um período em que a página da *Brújula Intersexual* foi replicada em outros lugares, como Colômbia, Argentina e Chile. A própria Laura Inter encarregou-se de promover esses projetos, que tomaram forma própria dentro de cada um dos países, já não tanto como uma espécie de sucursal de *Brújula*. Mas, sim, num primeiro momento me parece que era importante que *Brújula Intersexual* existisse em lugares diferentes, porque evidencia um rastro de como as coisas foram acontecendo, é parte de um arquivo. Portanto, esse deslocamento me parece dizer muito sobre como seu projeto está funcionando. As pessoas também se conectaram muito com a Laura, porque ela é uma pessoa muito humana e escuta com atenção, passa muito tempo ouvindo as pessoas. De alguma forma, isso era algo necessário para formar laços. Em 2013 e 2017, Laura Inter participou de audiências da Comisión Interamericana de Derechos Humanos sobre a situação dos direitos humanos das pessoas *intersex* nas Américas.

Quase ninguém que entra em contato com o projeto *Brújula Intersexual* vem com uma ideia do que seja o ativismo *intersex*. Ou seja, chegam com a versão médica do que aconteceu e procuram encontrar um espaço de diálogo. E aí chegam em uma situação por vezes desesperadora, muito vulnerável, um momento frágil. É preciso gerar um diálogo, uma relação de confiança, em um processo que pode durar meses ou anos. Às vezes as pessoas vêm para o grupo porque não têm outra escolha, porque não conseguem encontrar alguém com uma experiência semelhante ou não sabem o que lhes passou quando mais jovens.

⁸ <https://vivirintersex.org/2017/12/01/2o-foro-inter-visibility-en-la-cdhdf/>.



O segundo projeto que gostaria de destacar é *Vivir y Ser Intersex*, liderado por Hana Aoi. Antes de desenvolver sua página própria, Hana e Laura Inter conversaram por cerca de um ano e Hana juntou-se ao coletivo *Brújula Intersexual*. Quando fomos apresentadas, percebi que Hana era uma pessoa com grande capacidade intelectual e com muita vontade de fazer as coisas, de forma que a convidei para trabalhar comigo como assistente, trabalho que ela desenvolveu por cerca de um ano. Posteriormente, decidi cursar o mestrado em Estudos da Mulher sob minha orientação. Ela apresentou a defesa de sua dissertação, intitulada “*Romper el silencio, ocupar el espacio. Cuerpo, experiencia y enunciación de tres activistas intersex de México*”. São formas diferentes de acompanhar as pessoas... Acredito que o espaço acadêmico também é um espaço de combate, de luta, de visibilidade e, por isso, é um espaço de reconfiguração subjetiva. Nesse sentido, me parece que Hana e seu projeto *Vivir y Ser Intersex*⁹ estão apenas iniciando sua trajetória.

Há ainda outro projeto que acompanhei, *Adiós al Futuro*¹⁰, que gerou o livro chamado “El Libro Intersexual”¹¹. É de autoria de uma artista audiovisual *intersex* que conheci quando já tinha uma carreira, já havia sido apoiada pelo Fondo Nacional para la Cultura y las Artes (FONCA) no México. Também a conheci através da Laura e tenho participado com ela em alguns projetos, seja em suas apresentações, seja através de conversas para gerar ideias. Por fim, vale mencionar as *Mar Is (Intersex y Andrógino)* e *Nowaki*¹² que agora estão organizando outro projeto, chamado *Mujeres con Barba*¹³, também do México.

Ainda que uma grande comunidade convirja ao redor de *Brújula Intersexual*, nem todas as pessoas se interessam em ter um projeto ou trabalham essencialmente com ativismo, apenas algumas delas. Cada pessoa está buscando sua própria direção. Então, sim, eu acho que o que aconteceu com *Brújula* teve um efeito de dispersão no continente, não apenas no México.

Em meio aos avanços e retrocessos, temos conseguido trabalhar. E digo “temos” porque aos poucos fui me tornando parte do coletivo *Brújula Intersexual*, em um trabalho de ativismo acadêmico. Com o doutorado e as publicações que possuo, recebo reconhecimento como especialista no assunto no país e isso faz com que algumas instituições me procurem. Então, o que costumo fazer é criar vínculos entre esse interesse e a comunidade *intersex*, colocando as instituições que me procuram em contato com as ativistas *intersex* que mencionei, para que projetos específicos possam ser desenvolvidos. Por exemplo, o trabalho que fizemos com o

9 <https://vivirintersex.org/>.

10 <https://www.facebook.com/ProyectoMultimedial/>.

11 <https://diecisiete.org/expediente/el-libro-intersexual/>.

12 <https://intersexyandrogino.wordpress.com/>.

13 <https://intersexyandrogino.wordpress.com/category/mujeres-intersexuales-con-barba/>.



Conselho Nacional de Prevenção à Discriminação (CONAPRED) foi um trabalho que iniciamos em 2015. Naquela ocasião, fui procurada para avaliar o desenho de uma pesquisa que planejavam realizar com a população LGBTI+ e então coloquei a equipe em contato com Laura Inter. Sempre que apresento pessoas *intersex*, digo: “bem, elas são especialistas no assunto, então se querem uma consultoria, precisam pagar-lhes um salário para reconhecer esse trabalho”. Assim, trabalhamos com diferentes projetos e vamos construindo aos poucos.

Em 2017, com o Conselho Nacional de Prevenção à Discriminação (CONAPRED) e o Ministério da Saúde, realizamos uma importante parceria. Hana Aoi e eu participamos da elaboração de um protocolo de recomendações para atendimento à intersexualidade e variações de diferença sexual, incluído um manejo para acesso sem discriminação nos serviços de saúde às pessoas LGBTI+¹⁴. Portanto, nossa estratégia tem sido identificar indivíduos que estão em diferentes instituições governamentais, interessados em iniciar uma conversa, para aprender e trabalhar em colaboração com o grupo. Foi a partir desse esforço que saiu esse guia de protocolos, que procuramos divulgar gradativamente para que seja conhecido.

Na pesquisa do CONAPRED, *Brújula Intersexual* participou da construção do *Encuesta Intersex*¹⁵, um questionário dirigido às pessoas *intersex* e/ou com variações corporais congênitas. Nossa preocupação foi separar a questão *intersex* das questões LGBT, para que tivesse sua própria relevância como pesquisa e por possuir uma complexidade particular. Assim, temos desenvolvido um trabalho pela proteção dos direitos humanos das pessoas *intersex*, focando especialmente em guarnecer a questão *intersex* de um discurso tão potente quanto o médico, aquele das instituições dos direitos humanos, que seja capaz de se contrapor ao poder até então monolítico do discurso médico. Os resultados dessa pesquisa acabaram de ser divulgados, em dezembro de 2020¹⁶.

É isso o que citaria para falar do progresso do movimento *intersex* no México. Ainda sinto que estamos no início do caminho, que estamos construindo os instrumentos e os documentos de diagnóstico, mas que ainda não tiveram o impacto necessário. Ainda assim, estou muito otimista de que todos esses instrumentos nos permitirão identificar caminhos mais concretos para produzir transformações radicais. As mudanças sociais são muito lentas e o que eu acho é que demoramos muito para construir uma comunidade, um coletivo, para identificar relações

14https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/558167/Versi_n_15_DE_JUNIO_2020_Protocolo_Comunidad_LGBTI_DT_Versi_n_V_20.pdf.

15http://www.conapred.org.mx/userfiles/files/Resumen_Ejecutivo_11-12-2020.pdf.

16<https://brujulaintersexual.org/2020/12/11/resultados-encuesta-intersex-mexico-conapred-brujula-intersexual/>.



estratégicas com o Estado, para gerar alianças com comunidades diferentes, mas acho que aos poucos nós vamos avançar lá.

Quanto aos retrocessos, temos as representações de *intersex* na televisão mexicana. Tenho um artigo inédito com outro membro do coletivo *Brújula Intersexual*, Mara Toledo, sobre isso. Como o assunto da intersexualidade é considerado chamativo, com um potencial de atrair público, de tempos em tempos surgem programas de televisão sensacionalistas, nos quais são apresentadas “situações dramáticas”. Alguns dados sobre a intersexualidade apresentados nesses programas são mais confiáveis do que outros, mas, ao invés de informação, há um efeito de confusão gerado a partir dessas representações que o mercado consumidor da televisão pública promove. Assim, embora o assunto seja discutido, fala-se a partir da confusão e isso desinforma mais do que torna visíveis as situações das pessoas *intersex*.

Um segundo ponto, que não estou segura de chamar de “retrocesso”, mas talvez uma dificuldade, tem a ver com o fato de que, de repente, a questão do *intersex* é abordada por alguns atores políticos. Ao comentar sobre a questão, reproduzem uma quantidade de atrocidades como, por exemplo, defender que pessoas *intersex* sejam alocadas em uma terceira categoria nos registros civis, ignorando ou desconsiderando que o movimento *intersex* global, o Fórum Latino-Americano e os fóruns nacionais já tenham se posicionado contra essa proposta. Isso vem acontecendo repetidamente: de repente, a questão é assumida no espaço político, mas apenas como autopromoção, não em relação direta com a comunidade *intersex* e suas demandas específicas.

A., A., B., M.: *As próximas perguntas têm relação com o que você falou, Eva, não só do ativismo atual, mas dessa pluralidade de formas de fazer ativismo hoje, não necessariamente no modelo que a Brújula Intersexual organizou inicialmente e popularizou para o México e América Latina. Ou seja, sobre alternativas para se pensar chaves, instrumentos, identificações e como fazer essa gestão fora dos marcadores do sexo, que é uma discussão moral, ao mesmo tempo em que também precisamos lutar por questões pragmáticas e materiais para melhorar a vida da população intersexo no Brasil, no México, na América Latina em geral. No caso, como você percebe o movimento político mais recente em prol da saúde, ao mesmo tempo em que ocupa uma nova categoria de identidade? Por exemplo, pensando no contexto contemporâneo em que Nikolas Rose baseou a noção de “cidadania biológica”¹⁷, com aumento da demanda por saúde e cada vez mais melhorias corporais. Nesse sentido, em sua percepção, identificar-se*

17 Nota dos editores: ROSE, N. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus Editora, 2013.



como pessoa intersexo ou pessoa com Diferenças no Desenvolvimento Sexual (DDS) muda as formas de pactuação e estratégias de acesso aos cuidados com o corpo?

E.A.Z.: Sobre a questão da nova categoria de identidade, digamos que é algo muito particular na questão *intersex*. Como eu disse a vocês, muitas das pessoas *intersex* no México, talvez as mais visíveis, optaram por usar um pseudônimo em seu trabalho ativista. Me parece que ainda não se fez uma reflexão sobre isso, mas é preciso refletir sobre como se assume a intersexualidade enquanto identidade política em momentos estratégicos. Não seria correto afirmar que a pessoa se assume como intersexo em todos os espaços de sua vida, a todos os momentos. Isso me parece muito importante porque, quando Nikolas Rose fala sobre biocidadania, ele fala sobre como a biocidadania teria o potencial de se tornar visível, a partir de uma determinada proposta de ordenamento do biológico característico da modernidade: a partir do corpo, da saúde, da doença.

Contudo, se pensarmos nos funcionamentos da identidade *intersex* tal qual assumida por algumas pessoas no México, encontramos singularidades. Imagino que isso possa ser pensado em outros contextos latino-americanos, não em todos os lugares deveria funcionar da mesma forma. Nos Estados Unidos, funciona de uma forma muito diferente, por exemplo. Penso que no México a identidade *intersex* é assumida como uma identidade sobretudo política e como uma identidade que permite a identificação de uma comunidade particular, a partir da qual é possível gerar desde a amizade até estratégias políticas e reivindicações muito específicas, articular formas de trabalho ou requerer fundos. Ou seja, no México, Laura Inter, Hana Aoi, *Adiós al Futuro*, Guadalupe Chávez usam esses pseudônimos que, de alguma forma, também lhes garantem uma esfera fora da identidade política *intersex*, certo? E essa outra vida paralela permite-lhes outros espaços e outras formas de se conectar com o mundo. Isto é, a forma de apropriação do corpo, como a corporalidade se situa neste *continuum* de saúde-doença ou como uma condição genética se manifesta em um correlato subjetivo não é necessariamente algo que está sempre presente na vida das pessoas *intersex*, ao menos não no México.

Isso parece fundamental para mim. Observo, de longe, como isso aconteceu e a verdade é que avalio positivamente a forma como essas pessoas assumiram a identidade *intersex* publicamente. É importante não se deixar esmagar pelo peso de uma identidade, seja ela qual for, até mesmo uma identidade *intersex*: a identidade é um importante lugar de passagem, mas é um perigo estacionar aí. Contudo, isso não é algo que pesquisei diretamente, mas sim algo que percebi e a que volto agora como ponto de reflexão. É algo que ainda precisa ser refletido junto ao coletivo *intersex* no México.



Sobre sua pergunta quanto a se identificar como *intersex* ou com diferenças do desenvolvimento sexual: sim, acredito que essas diferentes identificações mudam a maneira como os acordos e estratégias são feitos. Conforme lhes dizia, no início, as pessoas chegam ao coletivo *Brújula Intersexual* com um diagnóstico, seja ele qual for, e esse diagnóstico é feito a partir de uma ligação específica com o corpo e está localizado a partir de um dispositivo médico que os coloca no lugar da patologia. Muitas vezes, as pessoas chegam a defender como algo necessário ou incontornável os tratamentos médicos que receberam. Depois de conversar e expor sua história um pouco mais, elas começam a identificar, por exemplo, infecções genitais e urinárias recorrentes, dores no corpo, dúvidas sobre o que lhes aconteceu, e então eles começam a mudar sua perspectiva. É um movimento subjetivo que ocorre quando as pessoas conseguem identificar aquele outro discurso que o ativismo *intersex* torna possível, que é o discurso da experiência, porque a experiência narrada, as histórias de vida de outras pessoas entram em contato com a experiência pessoal e de repente abrem questões, abrem um campo de possibilidades para se pensar de forma diferente. Nesse sentido, a pessoa poderá começar a se identificar como *intersex* e poderá reposicionar as práticas médicas a que foi submetida na infância. É um processo longo, que não acontece da mesma forma e que não deve ser pensado de maneira uniforme, ainda mais quando fatores raciais e étnicos entram em jogo. É um processo singular para cada pessoa.

Amiel: *O movimento intersexo brasileiro, desde sua criação, tem se perguntado sobre como receber novas pessoas no coletivo: é necessário que elas tenham recebido um diagnóstico médico, que tenham tido acesso a seus prontuários? Ou seja, como elas descobriram a própria intersexualidade? Essa é uma questão que ainda está em aberto, porque nós não sabemos como lidar com isso.*

E.A.Z.: Sim, acredito que essa discussão está acontecendo em diferentes lugares. Por exemplo, no México, identificamos três pessoas que se autodenominam *intersex* e que não têm ligação com *Brújula Intersexual* ou *Viver y Ser Intersex*. Duas delas relatam uma experiência muito diferente do que pode ser comumente identificado como *intersex*: utilizam uma linguagem patologizante, com, por exemplo, termos como “cromossopatias”, juntando a palavra “cromossomo” e a palavra “patologia” para falar sobre as Diferenças no Desenvolvimento Sexual. A terceira pessoa relata uma experiência semelhante, mas a matriz para dar sentido a essa experiência é diferente, porque está mais próxima à sexologia.

Em outras palavras, existem diferentes formas de apresentação da questão *intersex*, o que não é algo ruim. Em países como o México, nem todas as pessoas têm acesso aos serviços de saúde.



Por exemplo, a pessoa que entrevistei durante minha pesquisa de doutorado, um indígena da etnia *Tzotzil*, levou o irmãozinho de seis anos ao hospital infantil porque não queria que seu irmão passasse pelo que ele passou. Ele foi designado como menino ao nascer e tem Hiperplasia Adrenal Congênita, assim como seu irmão. Desde a puberdade, sentiu dores muito intensas no abdômen e teve sangramentos. Por ser indígena, não tinha acesso a bons serviços de saúde e um médico que um dia foi na sua comunidade disse a seu pai que ele não tinha nada, era só uma criança muito preguiçosa, que não queria trabalhar. Ele teve que sair de casa e ir para outro povoado para que não o obrigassem a trabalhar sentindo tantas dores. Aos poucos, ele teve acesso a equipes médicas da Cidade do México. Já adulto, com cerca de dezessete anos, submeteram-no a exames, explicaram o que se passava em seu corpo e conseguiram fazer alguns procedimentos médicos, como a retirada do útero, pelo que ele ficou muito grato, porque as dores que ele sentia eram realmente muito fortes. Portanto, ainda que ele compartilhe uma corporalidade com outras pessoas que se identificam como *intersex*, ele não se identifica dessa forma. Ele ignorava que seu corpo era diferente e que havia outros corpos iguais ao seu. No momento em que o médico explicou, quando tinha 17 anos, que ele tinha um útero, ele ficou horrorizado, porque se considera um homem. Ele se sentiu muito vulnerável.

Então, devemos pensar que, de fato, na América Latina, temos um acesso muito desigual aos sistemas de saúde; nem todas as pessoas podem entender o que lhes acontece. Embora tenham uma corporalidade *intersex*, muitas delas não sabem disso, nem elas nem seus médicos. Portanto, há várias pessoas que, ao encontrarem as histórias de experiências de vida de outras pessoas *intersex* na internet, podem se identificar com o que está escrito.

Por outro lado, também existem pessoas que têm uma experiência mais semelhante a uma experiência trans, mas que podem ser lidas como pessoas *intersex*. Esse é outro grupo de pessoas que se aproxima do movimento *intersex* ao sentir que, de alguma forma, sua experiência de vida tem mais a ver com a comunidade *intersex* do que com a comunidade trans. Essa aproximação varia muito de caso a caso: às vezes, produz conflitos e confusão, às vezes, encontros, e as pessoas podem trabalhar em prol de objetivos comuns. Ou seja, não é algo resolvido, são casos singulares.

Em todo caso, para mim o mais importante é reconhecer que de 1990 até hoje se formou uma ampla comunidade de pessoas: ex-pacientes, parentes, amigos e aliados; em diferentes países e regiões do mundo; pessoas com corpos *intersex* e não *intersex*. E que essa ampla comunidade



está promovendo uma transformação dos tratamentos médicos, desconstruindo e repensando o que os corpos com variações intersexuais representam e significam.

A., A., B., M.: *Temos percebido ultimamente uma tendência à ampliação da categoria da intersexualidade, com a inclusão de outros diagnósticos médicos que até então não eram comumente relacionados às Diferenças do Desenvolvimento Sexual. Isso nos faz pensar sobre as disputas políticas por saúde, por direitos relacionados à saúde, e como responder a esse movimento político que coloca mais uma forma de medicalização na chave da intersexualidade enquanto categoria de identidade e de reconhecimento social. Ou seja, como se esquivar de acionar a medicina como um lugar de validade para adquirir direitos e acesso à saúde?*

E.A.Z.: É muito complicado, na verdade. Não tenho uma resposta para essa pergunta. Nesse sentido, o que mais me interessa pensar é o que acontece quando uma pessoa assume essa corporeidade para expressar sua experiência a partir daí? O que essa assunção produz e por quê? O mesmo nem sempre ocorre, pois há momentos em que as pessoas almejam obter um fundo de financiamento, por exemplo. Há momentos em que as pessoas desejam encontrar uma comunidade com a qual conversar e da qual se sentir parte. Depois de um tempo, pode ocorrer de a pessoa perceber que a questão trans corresponde mais plenamente a suas experiências do que a questão *intersex*, por exemplo. Há ainda outras ocasiões em que as pessoas encontram aí um lugar de enunciação que lhes permite tornar visíveis uma série de problemas que para elas são fundamentais, mesmo que não sejam da comunidade *intersex*. Portanto, há muitas possibilidades de por quais razões isso ocorre dessa forma e em cada um produz coisas diferentes.

Às vezes, o que se produz é uma grande confusão. Por exemplo, encontramos médicos que, ao ouvir pessoas em um programa de televisão narrando uma experiência que não é em nada semelhante, em termos gerais, àquela de uma pessoa que vivencia uma variação em sua corporalidade relacionada ao sexo, falam: “bom, essas pessoas estão confusas, né? O movimento *intersex* é confuso, elas não sabem do que estão falando”. Então, pode produzir confusão e raiva dentro da própria comunidade *intersex*. Em outras palavras, é claro que o movimento *intersex* e a comunidade *intersex*, como qualquer outra comunidade e qualquer outro movimento político, também têm suas lutas internas e suas divergências.

Acredito que o que muitos de nós que acompanhamos o movimento *intersex* almejamos é enfatizar, acima de tudo, o encontro e os acordos possíveis, porque há muito a ser feito. Com isso, não quero negar que as confusões e desentendimentos aconteçam, mas não é positivo alimentar uma disputa permanente. O que aconteceu com as três pessoas mexicanas que se



autodenominam *intersex* às quais me referi acima é que sua presença pública foi diminuindo gradualmente, conforme as histórias de vida e experiências narradas por pessoas ativistas como Laura Inter ou Hana Aoi foram se multiplicando no espaço público.

A., A., B., M.: *Dez anos após a publicação de “Rompiendo fronteras: activismos intersex y redes transnacionales” já é possível pensar nos impactos que a proliferação de espaços cibernéticos trouxe? Qual é a sua avaliação sobre a presença online cada vez mais destacada dos movimentos ativistas intersexo?*

E.A.Z.: Em “*Rompiendo fronteras: activismos intersex y redes transnacionales*” eu me perguntei se o ativismo *intersex* tem suas próprias fronteiras. Ainda avalio que sim, que há fronteiras, demarcadas, dentre outros fatores, pelo acesso desigual à educação. No México, todos os ativistas *intersex* que identifiquei têm, pelo menos, o diploma de graduação e domínio da internet. Alguns têm conhecimentos de inglês e são capazes de desenvolver suas próprias capacidades de forma autogerida. E, sim, isso aponta para um perfil muito particular de ativismo *intersex*, uma atividade que não é fácil. É preciso entender, por exemplo, o discurso especializado dos textos médicos, mas também saber mover-se em ambientes de políticas públicas e falar perante comissões de direitos humanos. Para fazer tudo isso, é necessário ter acesso a um computador e saber manusear os *softwares*, o que, na realidade, não é particular ao ativismo *intersex*, mas característico do ativismo em geral. Assim, tendo em vista as habilidades atualmente necessárias para a construção de um movimento político, para o ativismo *intersex* é um desafio trabalhar para garantir a inclusão de todas as pessoas que expressam a vontade de participar do movimento. Com o coletivo de *Brújula Intersexual*, buscamos incluir as pessoas a partir de suas próprias habilidades e de suas próprias preocupações.

A., A., B., M. *Quais são os diálogos ou as comunicações que existem, ou não, entre o ativismo no México e outros países latino-americanos? Como você vê a comunicação entre pesquisadores da questão intersexo do Sul e do Norte global?*

E.A.Z.: Acho que cada região e cada país têm uma dinâmica muito particular, ligada à tendência mais conservadora ou mais liberal de cada lugar. Ou seja, a questão *intersex* não está descolada de uma biopolítica mais geral e que toca em muitas outras questões. Particularmente no México, o governo da Cidade do México, onde moro, é um governo que mais ou menos manteve uma abertura para as questões da diversidade sexual, uma abertura também para incluir experiências de vida diferentes, nem sempre com sucesso, mas pelo menos esse cenário é encontrado. Não é assim em outros estados, muito conservadores, da República Mexicana. Por exemplo, no México



há casos de mulheres que abortaram e que foram presas por isso. Portanto, leis muito diferentes coexistem em diferentes estados; de acordo com o local de residência, o grau de conservadorismo local impacta de forma diferenciada a vida das pessoas *intersex*, tornando mais ou menos confortável ou arriscado falar sobre esse tipo de questões. Então, eu diria que esse cenário se reproduz em outros países latino-americanos e que, de alguma forma, a questão do *intersex* está sempre lidando com o clima biopolítico em que se enquadra.

Com a academia, o movimento *intersex* sempre teve um diálogo muito próximo. Temos o livro de Suzanne Kessler, *Lessons from the intersexed*, que citei anteriormente, a obra de Anne Fausto-Sterling, o artigo “*Doing justice to someone*”¹⁸, de Judith Butler, e até Michel Foucault, com a publicação dos diários de Herculine Barbin¹⁹. O que acontece com as corporalidades *intersex* tem sido importante para pensar o sexo como um todo, não só de pessoas com variações corporais relacionadas ao sexo, mas de qualquer pessoa. Ajuda a pensar questões como o corpo, identidade, biopolítica, enfim. Existem muitas questões que podem ser abordadas a partir do tema *intersex*. Nesse sentido, existem as práticas disciplinares de que falei, como a da psicologia, que são exploradas por Suzanne Kessler em seu livro, por Anne Fausto-Sterling como bióloga ou por Alice Dreger como historiadora. Hoje existe um número impressionante de perguntas que de alguma forma o tema *intersex* revela.

Contudo, isso não acontece em geral, ou seja, eu não falaria em uma relação geral entre o feminismo e o movimento *intersex* porque existem algumas formas de feminismo que continuam a ignorar a questão *intersex* e até lutam contra ela, como se fosse uma espécie de “vírus” que quer fazer desaparecer as mulheres como parte de um determinado grupo social. Então, acho que a articulação entre a academia e o movimento *intersex* vem de pesquisadoras e pesquisadores muito específicos, sensíveis a esses temas, que entram em contato direto com pessoas *intersex* e suas experiências cotidianas. É assim que surgem alianças, que são estabelecidas em benefício mútuo, eu acho. Por exemplo, alguns anos atrás a pesquisadora estadunidense Ellen Feder interessou-se em traduzir uma entrevista que eu havia feito com Laura Inter e a publicou em inglês²⁰. Tempos depois, Feder doou alguns de seus livros para que fossem sorteados em uma arrecadação de fundos feita por *Brújula Intersexual*²¹. Então, eu acredito que a relação entre o

18 Nota dos editores: BUTLER, J. “Doing justice to someone: sex reassignment and allegories of transsexuality”. In *Undoing gender*. New York and London: Routledge, 2004, p.57-74.

19 Nota dos editores: FOUCAULT, M. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

20 Nota dos editores: INTER, Laura. “Finding My Compass”; *VOICES. Personal Stories from the Pages of NIB*, vol. 1, n. 3, Baltimore, 2015, p. 10-13.

21 Nota da entrevistada: FEDER, Ellen K. *Making sense of intersex*. Bloomington, Indiana University Press, 2014.



movimento *intersex* e a academia feminista tem momentos específicos e encontros com pessoas específicas, com estratégias específicas²². Considero que o meu próprio trabalho se desenvolve assim, na conversa e na ajuda mútua. Também existem importantes pesquisadores, acadêmicos membros da comunidade *intersex*, cuja produção é integralmente norteadora, minhas referências são Mauro Cabral, Morgan Holmes, Iain Morland, Morgan Carpenter, pessoas fundamentais para podermos pensar os diferentes ângulos da questão *intersex*, pois estão situados em um lugar diferente, em termos de pesquisa, localização geográfica e experiência pessoal. Toda essa produção compõe o campo dos estudos críticos da intersexualidade.

A relação entre o Norte e o Sul é uma relação complexa. Em primeiro lugar, há a questão do idioma. Ainda que, no começo, Laura Inter não falasse inglês muito bem, a conexão que ela estabeleceu com o grupo australiano *Bodies like Ours* foi fundamental para que depois viesse a fundar *Brújula Intersexual* e promover uma comunidade em espanhol. Ou seja, a despeito do contexto e das línguas dos dois países serem muito diferentes, a experiência relatada no grupo australiano era semelhante à de Laura. Os quatro fóruns *intersex* globais que reuniram ativistas oriundos de países muito diferentes e línguas diferentes, mas que geralmente ocorrem em inglês, deram origem à Declaração de Malta²³ que descreve algumas situações e demandas compartilhadas por pessoas *intersex* ao redor do globo. Na América Latina, foram realizados dois fóruns, 2018 e 2020, que culminaram na publicação da Declaração de San José de Costa Rica²⁴.

Outro dia eu estava vendo um relatório sobre a distribuição de fundos que são feitos para apoiar diferentes projetos e obviamente a maior parte dos fundos vem do Norte global e são repassados para países do Norte global. Acredito que isso ocorre também porque os projetos funcionam de forma diferente. Por exemplo, penso no projeto “*InterACT*”, que foi o herdeiro da *Intersex Society of North America* (ISNA). É um projeto muito bem articulado, muito grande, fundado a partir de uma boa compreensão sobre como funciona o mercado consumidor e o modelo neoliberal. Não acho que seja isso que interessa, por exemplo, na região da América Latina, que tem outras coordenadas para colocar suas próprias questões, suas estratégias, seus interesses e seus objetivos. Ainda assim, há uma conversa ativa entre membros de *Brújula Intersexual* e *InterACT*, o que possibilita que colaborações sejam estabelecidas entre os dois coletivos, como o

22 Nota da entrevistada: ver mais em: ALCÁNTARA, Eva. “Intersexualidad”. In: Hortensia Moreno y Eva Alcántara (coord.). *Conceptos clave en los estudios de género*: volumen 2. México, CIEG / UNAM, 2018, p. 151-167.

23 <https://intersexday.org/es/declaracion-malta/>.

24 https://cdhcm.org.mx/wp-content/uploads/2018/07/dfensor_03_2018.pdf.



*Intersex Day of Awareness*²⁵. Esse tipo de colaboração ocorre em momentos específicos, a partir de interesses particulares que convergem e que possibilitam um trabalho conjunto.

É claro que todas as organizações globais de direitos humanos são administradas principalmente em inglês, então o acesso é muito mais fácil para um coletivo *intersex* localizado em um país do Norte global, porque o inglês é geralmente falado como se fosse uma língua nativa. Aí já existe um primeiro filtro do peso da participação dos ativistas *intersex* no movimento global. Ainda assim, são muito bem-sucedidas as iniciativas como o projeto *Brújula Intersexual* ou o ativismo junto a organizações globais e o sistema global de direitos humanos realizado por Mauro Cabral. Então, eu acho que cada um deve encontrar seu próprio caminho.

A., A., B., M.: *Em relação ao momento atual, não podemos fechar esta entrevista sem falar da pandemia do coronavírus. Gostaríamos de ouvi-la sobre como a população intersexo do México está experimentando a Covid-19 em seus efeitos na saúde e na existência, no trabalho e na vida em geral.*

E.A.Z.: O que eu sei sobre o impacto da pandemia na vida das pessoas *intersex* vem principalmente de Laura Inter, que é quem tem conversado mais diretamente com elas. Uma grande porcentagem das pessoas com quem temos contato através de *Brújula Intersexual* são pessoas que já tinham uma situação econômica difícil antes do início da pandemia. A pandemia agravou essa situação em alguns casos, já que dificultou o acesso a alguns medicamentos necessários nos casos de hiperplasia adrenal congênita ou fez com que investigações clínicas em crianças *intersex* fossem suspensas, uma vez que os recursos públicos destinados à saúde foram majoritariamente direcionados ao combate à pandemia. Para muitas pessoas que se veem obrigadas a seguir trabalhando presencialmente em meio à pandemia, houve um agravamento da precariedade nas condições de trabalho, como no transporte público. Outras pessoas, com uma situação econômica e social mais favorável, têm no mínimo a alimentação garantida, porque já contavam com uma bolsa escolar, frequentam escola *online*, ou alguma situação de trabalho que conseguiram manter porque já tinham um emprego mais ou menos estável antes. As circunstâncias de vida são muito heterogêneas, então tudo depende de qual era a situação antes da chegada da pandemia.

No contexto da pandemia, *Brújula Intersexual* solicitou um fundo específico para apoiar a parcela da população *intersex* mais afetada; inclusive, parte do apoio que tem sido prestado tem

25 Nota dos editores: O Dia da Visibilidade Intersexo é comemorado em 26 de outubro e o Dia da Solidariedade Intersexo é celebrado no dia 8 de novembro. Para saber mais sobre o *Intersex Day*, ver <https://intersexday.org/es/> (acesso em 22/06/2021, às 07:40).



sido fora do México. Laura Inter está trabalhando em um relatório de como esses apoios são direcionados, principalmente em casos críticos, como o que estou contando para vocês sobre acesso a remédios ou acesso à alimentação, por exemplo. Em alguns casos, existem situações muito difíceis.

Acredito que é necessário mais conhecimento sobre população *intersex*, que é invisível. Ou seja, os governos têm implementado diferentes estratégias de atenção à pandemia em diferentes países e até dentro de um mesmo país, como o México, que é um país que tem um governo federal e em cada um dos estados o sistema de saúde funciona de forma diferente. Essa característica da República Mexicana não nos permite unificar a atenção em saúde, não só das pessoas *intersex*, mas de quaisquer pacientes.-

A., A., B., M.: Muito obrigado por nos conceder esta entrevista, Eva. Foi um prazer ouvi-la.

